

## Competitividade das exportações da carne bovina dos países do Mercosul: uma análise a partir do *Constant-Market-Share*

Competitiveness of meat exports of the Mercosur countries:  
An analysis from the Constant Market-Share

**Ana Paula Buhse<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
anapaulabuhse@hotmail.com

**Reisoli Bender Filho<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
reisolibender@yahoo.com.br

**Taize de Andrade Machado Lopes<sup>2</sup>**

Centro Universitário Franciscano, Brasil  
prof.taize@gmail.com

**Bruna Machado Moraes<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
brunammoraes@hotmail.com

---

**Resumo.** A carne bovina está entre os principais produtos da pauta exportadora dos países do Mercosul, sobremaneira do Brasil. Logo, analisar o comportamento e a competitividade dessa *commodity* no mercado internacional torna-se relevante, constituindo-se no objetivo central deste texto. O período analítico estendeu-se de 1991 a 2011, porém, foram considerados três subperíodos, cuja finalidade foi obter informações características das mudanças do cenário externo à explicação do comportamento dos fluxos de comércio de carne bovina dos países do Bloco. Para isso, utilizou-se o modelo *Constant Market-Share*, tendo como resultados, tanto na análise da decomposição das fontes de crescimento do período II em relação ao período I quanto do perí-

**Abstract.** The meat of bovine animals is one of the mainly products exported by the countries of Mercosur, including Brazil, this way, analyzing this commodity's behavior and competitiveness in the international market is considered relevant, thereby becoming the objective of this text. The analytical period extended from 1991 to 2011, but three sub-periods were considered to obtain characteristic information of changes in the external scenario to explain the behavior of bovine meat trade flows in the countries of this group. To achieve the objective, a Constant Market-Share model has been used, which has shown results – for the sources of growth's breakdown analysis in period II in relation to period I, as well as period III in relation

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, 1000, 97105-900, Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Universitário Franciscano. Rua Silva Jardim, 1175, 97010-491, Santa Maria, RS, Brasil.

odo III em relação ao período II, que os efeitos do crescimento do comércio mundial e da competitividade são positivos, enquanto o efeito do destino das exportações foi negativo.

**Palavras-chave:** exportações carne bovina, Mercosul, *market-share*.

to period II –, that the growth of trade effects and competitiveness are positive, while the destiny of exports' effect has been negative.

**Keywords:** meat exports, Mercosur, market-share.

---

## 1 Introdução

A década de 1990 foi marcada pela intensificação do processo de internacionalização, determinando o aumento das transações financeiras, a maior volatilidade do capital, o acirramento da concorrência, a expansão dos fluxos de comércio e capital e a queda das proteções tarifárias. Nessa linha, Gonçalves (1999) enfatizou que a globalização pode ser definida como a interação de três processos distintos, que têm ocorrido ao longo dos últimos vinte anos, e afetam as dimensões financeira, produtivo real, comercial e tecnológica das relações econômicas internacionais.

Ao mesmo tempo, tem-se observado a regionalização da economia, ao passo que os países vêm integrando-se em blocos econômicos e comerciais, no intuito de terem maior competitividade no contexto macroeconômico internacional e, com isso, obterem benefícios econômicos intrabloco. Para Adams (1990), as vantagens de um processo de integração relacionam-se com as possibilidades de ganhos de escala oriundas de um mercado maior; da exploração das vantagens comparativas de cada um dos países; da existência de recursos complementares em cada uma das nações e do somatório dos países em busca de maiores investimentos e desenvolvimento.

Nessa esteira, nos últimos vinte anos, observou-se a formação de diversos blocos econômicos e de Acordos Regionais de Comércio (ARC), no intuito de os países receberem esses benefícios intrabloco. Destacam-se a União Europeia (UE), o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e o Foro de Cooperação Econômica na Ásia e no Pacífico (APEC).

O Mercado Comum do Sul, criado em 1991, pelo Tratado de Assunção, foi ratificado pelo tratado de Ouro Preto, em 1994, e tinha como membros Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Contudo, em 2012, ocorreu à primeira ampliação do bloco, com a entrada da Venezuela, e, em 2013, a Bolívia assinou o Protocolo

de Adesão e, após incorporada ao ordenamento jurídico, fará parte desse mercado, sendo o sexto membro (Mercosul, 2014).

De acordo com Almeida (1993), os objetivos do bloco são a maior inserção dos países membros no comércio mundial e a viabilização de economias de escala, tornando possíveis ganhos de produtividade entre os países-membros e a ampliação dos investimentos. De acordo com Lírio e Campos (2003), o Mercosul tem importância no mercado internacional e vem apresentando vantagens comparativas no que tange ao agronegócio. Dentre os produtos transacionados, merecem destaque a carne bovina, os laticínios, o suco de laranja e a soja em grão.

Para Oliveira e Freitas (2005), o comércio de origem animal – as carnes, em especial – passa por um rígido critério e exigência de qualidade, o que acaba por influenciar os níveis de comércio e os volumes de transação, não apenas no mercado nacional como também externamente, e, como consequência, o mercado está cada vez mais restritivo à colocação de produtos alimentícios. Com a desconfiança da carne bovina exportada pelos Estados Unidos e pela Europa, a *commodity* do Mercosul tornou-se referência de qualidade, de forma que o bloco tornou-se o grande comerciante no mercado mundial, ao passo que atualmente é o principal produtor de carne bovina *in natura* e o segundo maior exportador mundial.

Dadas essa importância e a conjuntura atual, o objetivo geral consistiu em examinar os determinantes das exportações da carne bovina da Argentina, Brasil e Uruguai, os três principais países exportadores da *commodity* do Mercosul entre 1991 e 2011, sendo o ano inicial determinado pela criação do Mercosul. Complementarmente, definiram-se objetivos específicos, os quais são: (i) traçar o panorama do agronegócio da carne bovina e verificar a participação que o Mercosul desempenha no comércio global e (ii) analisar a evolução e a tendência das exportações da carne bovina produzida no Mercosul.

Além desta introdução, o trabalho está desenvolvido em outras seis seções. A segunda aborda o referencial teórico, que tem como base a teoria dos ganhos do comércio internacional e a competitividade no mercado internacional. Na terceira, é abordado o panorama do agronegócio da carne bovina nos países do Mercosul. A quarta apresenta a metodologia, a qual está baseada no modelo *Constant-Market-Share*. Na quinta, apresentam-se os principais resultados e, por fim, na sexta, as considerações finais.

## 2 Teoria dos ganhos do comércio internacional

Para análise do comércio internacional, é relevante a constatação dos determinantes do comércio, sendo que alguns questionamentos são importantes, como o porquê da existência de comércio entre as nações, seus fundamentos básicos, o padrão de comércio, quais os preços das exportações/importações, que quantidades são ou poderiam ser exportadas/importadas e quais são as diretrizes determinantes da política comercial dos países. Para responder esses questionamentos, as teorias buscam demonstrar o porquê da existência do comércio e quais são seus benefícios reais e os seus custos para o crescimento econômico da nação (Oliveira, 2007).

Adam Smith, em 1776, publicou o livro *Riqueza das Nações*, dando a ideia de que a especialização advinda da divisão social do trabalho se torna fundamental para o aumento da produtividade do trabalho na economia. Dessa forma, Smith apresenta a teoria das trocas internacionais fundamentada na ideia de vantagem absoluta de custos.

Nessa teoria, os países auferem ganhos de renda e de bem-estar, pois mantêm uma situação de livre-comércio entre si, sendo que cada país deve se especializar na produção e na exportação dos bens que produz com custos inferiores, comparados em termos absolutos com os de seus parceiros (Sarquis, 2011). Por sua vez, nessa teoria, não existe comércio quando uma das nações apresenta vantagem absoluta em dois produtos em questão.

Conforme Carvalho e Silva (2004), Ricardo, em 1817, apresentou a teoria das vantagens comparativas na obra intitulada como *Princípios de Economia Política e Tributação*, explicando o comércio entre as nações sem vantagem absoluta na produção de um bem. Segundo Souza *et al.* (2008), Ricardo analisou

a alocação de fatores, chegando à conclusão de que ela deve ser determinada por meio das vantagens comparativas, pois cada país deve se especializar nas atividades em que possui produtividade comparada (relativa) mais elevada, por mais que o país possua vantagens absolutas em outras atividades. Dessa forma, nessa teoria, a não existência de comércio não seria uma situação definitiva.

Porém, a teoria das vantagens comparativas, segundo Oliveira (2007), é criticada em suas bases irrealistas e específicas sobre tecnologia, estrutura industrial e condições macroeconômicas e mobilidade dos fatores trabalho e capital. Krugman e Obstfeld (2005) apresentam alguns motivos pelos quais a especialização na economia internacional do mundo real não é observada em uma especialização extrema: (i) a existência de mais de um fator de produção reduz a tendência à especialização; (ii) os países às vezes protegem suas indústrias da concorrência estrangeira; (iii) é caro transportar bens e serviços, e, em alguns casos, o custo do transporte é suficiente para levar os países à autossuficiência em alguns setores.

Para Carvalho e Silva (2004), a teoria das vantagens comparativas apresentava certas limitações, sendo resolvidas somente no século XX, com a teoria de Heckscher-Ohlin, pois o comércio internacional pode ser analisado por meio do rendimento de fatores diferente das vantagens comparativas que dependeriam das dotações iniciais de fatores (capital e trabalho) ou das proporções de fatores, pois acabariam por afetar as diferenças de custo de produção de uma mesma mercadoria em países diferentes (Souza *et al.*, 2008).

Essa teoria também pode ser chamada de teoria das proporções de fatores, pois ressalta a inter-relação entre as proporções, ou seja, os fatores de produção diferentes estão disponíveis em diferentes países e são utilizados na produção de diferentes bens (Krugman e Obstfeld, 2005). Para Carvalho e Silva (2004), a teoria de Heckscher-Ohlin explica que o país irá se especializar e exportar o bem que requer maior utilização do seu fator de produção abundante, trabalho e capital, que, sendo utilizados em conjunto, acabam por determinar a função de produção de cada país para cada produto.

O teorema de Heckscher-Ohlin supõe duas nações que produzem as mesmas mercadorias, empregando dois fatores de produção, capital e trabalho. Os fatores de produção dessas nações são distintos e empregam tecnologia idêntica, com retornos constantes de escala.

No mercado de bens e no de fatores, em ambas as nações, prevalecem as condições de mercado perfeito – há livre mobilidade de fatores no interior de cada nação, porém, não existe mobilidade internacional de fatores e não há reversibilidade na intensidade de uso de fatores para o mesmo produto em nível mundial. Por fim, o teorema requer balança comercial equilibrada e inexistência de obstáculos ao comércio (Machado e Amim, 2005).

Seguindo Machado e Amim (2005), os pressupostos da teoria neoclássica não foram suficientes para explicar os padrões do comércio internacional na presença de economias de escala. Dessa forma, há a necessidade de novas teorias para se compreender a parcela do comércio internacional que não foi explicada pela teoria Heckscher-Ohlin, sendo uma dessas teorias denominada Nova Economia Internacional.

As novas teorias do comércio se caracterizam por contemplar as economias de escalas, podendo advir de fatores tecnológicos e de estruturas dos mercados, pois, tipicamente, esses fatores se complementam. Entre 1978 e 1985, as novas teorias do comércio começaram ser elaboradas, em artigos seminais de Krugman (1979, 1980) e Helpman (1981), entre outros. Essas novas teorias substituíram as hipóteses de concorrência perfeita por hipóteses de concorrência imperfeita, como base de funcionamento dos mercados, e, sendo assim, assumiram economias de escala ou rendimentos crescentes de escala (Sarquis, 2011).

### 3 O agronegócio da carne bovina nos países do Mercosul

Por meio do desenvolvimento de técnicas inovadoras da bovinocultura e da evolução genética animal, vem ocorrendo o aumento da qualidade nas atividades frigoríficas, bem como o aumento da qualidade da carne no cenário mundial. Porém, ainda existem obstáculos que o mercado internacional precisa enfrentar, como as barreiras tarifárias e não tarifárias que muitos países impõem para a entrada do produto nacional em seus mercados domésticos, conforme discute Abreu *et al.* (2006). A justificativa está em torno das questões sanitárias, principalmente, em relação à febre aftosa e a questões éticas e sociais, tais como mão de obra escrava e o desmatamento da Floresta Amazônica para a formação de pastos.

A carne bovina é um desses produtos, embora o mercado internacional tenha expandido nas duas últimas décadas. Na Figura 1,

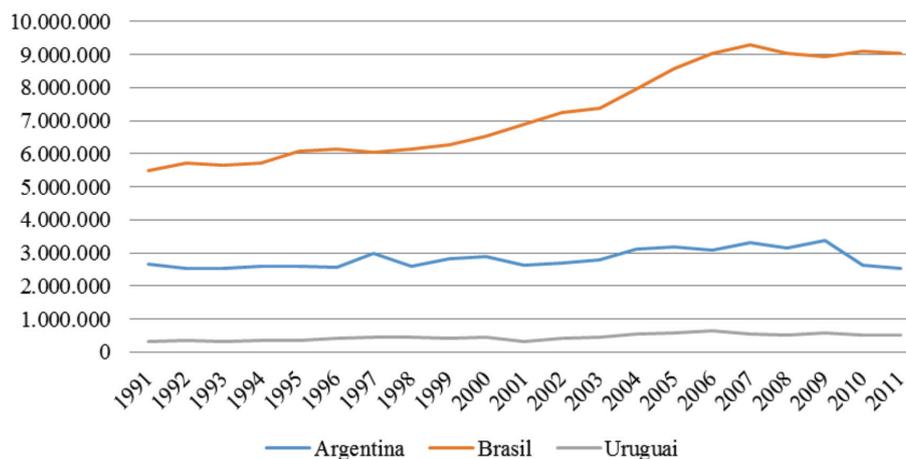
observa-se a produção de carne bovina dos principais países integrantes do Mercosul, no período de 1991 a 2011. A produção do Brasil é a mais significativa dentro do bloco, sendo que, a partir de 2001, alavancou significativamente. Já a Argentina e o Uruguai apresentam produção considerável, porém, produção praticamente constante no período. Cabe ressaltar que o Paraguai não tem representatividade no mercado de carne, fato pelo qual não está incluído na análise.

No que tange à produção da carne bovina no Brasil, o aumento na década de 1990 e 2000 possibilitou o abastecimento interno e a redução da dependência das importações para complementar o mercado doméstico, gerando, inclusive, excedentes exportáveis. O crescimento da produção do país deu-se por fatores como investimento em tecnologias genéticas, gerenciamento, manejo e nutrição (Machado e Amin, 2005).

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2014), a nova legislação prevê a fiscalização da qualidade do produto e o esforço por parte do país para erradicar as doenças que contribuem para o aumento da produção. Como exemplo, tem-se que, em 2008, aproximadamente 59% do território brasileiro foi considerado pela Organização Internacional de Epizootias (OIE), livre da febre aftosa. Logo, existe uma maior confiança em relação à produção da carne bovina no país.

A Argentina, segundo Thomé *et al.* (2013), é o primeiro país a apresentar dificuldades em sua ascensão, sendo que houve estabilidade entre os anos de 2005 e 2006, e, em 2010, considerável queda, fechando o ano de 2011 com aumento pouco expressivo. Porém, o crescimento em volume baixo reduziu o total exportado. Em relação ao Uruguai, há um panorama estável até 2006, porém registram-se quedas nos últimos anos da década de 2000, e, em 2011, houve um aumento, porém, de pouca expressividade.

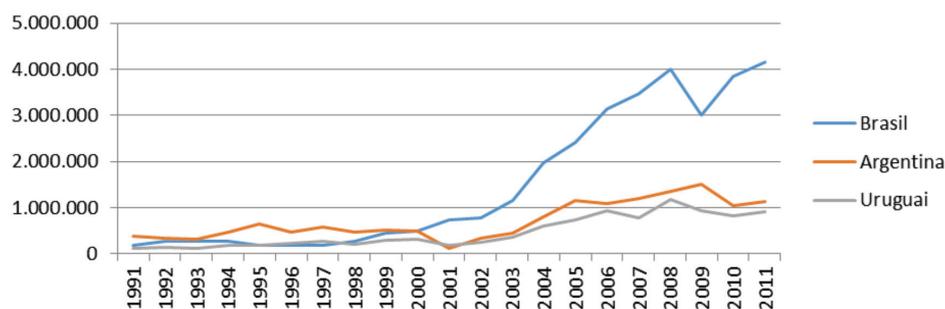
O Mercosul, com sua força na cadeia produtiva de carnes, a partir de 2000, apresenta grande importância em nível global em relação às exportações totais desse produto, sendo que o bloco é, atualmente, o segundo maior exportador de carne bovina. Segundo Oliveira e Freitas (2005), a confiança apresentada em relação à qualidade da carne transformou-se em *status* de produto nobre, convertendo o Mercosul em grande provedor do mercado mundial, respondendo por uma parcela importante das exportações totais do produto. Dessa forma, por meio Figura 2, é possível observar as ex-



**Figura 1.** Produção de carne bovina dos principais países do Mercosul em toneladas métricas (1000) (1991-2011).

**Figure 1.** Production of beef in the main countries of Mercosur in metric tons (1000) (1991-2011).

Fonte: USDA (2014).



**Figura 2.** Total das exportações de carne bovina *in natura* dos três principais representantes do Mercosul, em 1000 US\$ (1991-2011).

**Figure 2.** Total exports of fresh beef of the three main representatives of Mercosur, in 1,000 US\$ (1991-2011).

Fonte: FAOSTAT (2014).

portações dos principais países representantes do Mercosul, a partir do ano da criação.

O Brasil é um dos membros mais atuantes do Mercosul e vem aparecendo entre os principais países exportadores de carne bovina do mundo. Porém, foi a partir do fim da década de 1990 que o país tornou-se o principal exportador de carne bovina do bloco, sendo que houve uma evolução de 492% nas exportações do país entre 1998 e 2013. Segundo Machado e Amin (2005), o crescimento das exportações de

carne *in natura* (refrigerada e congelada) contribuiu para o país tornar-se o maior exportador de carne bovina. Como justificativa, tem-se a conquista de novos mercados consumidores e o aumento do volume exportado para países para os quais o Brasil já comercializava.

Especificamente entre 2004 e 2008, o Brasil apresentou aumento considerável nas exportações. Brandão (2007) afirma que um grande fator que estimulou as vendas externas nesse período foi a criação do selo “*Brazilian Beef*”<sup>3</sup>,

<sup>3</sup> O selo visa o conhecimento da carne bovina através do reconhecimento da sua qualidade, ou seja, criação do gado a pasto, segurança alimentar e sanidade. Ao posicionar o *Brazilian Beef* como “bom para o consumidor e bom para o planeta”, a estratégia inicia a reversão da tão propalada imagem do boi brasileiro sobre a Amazônia desmatada, apresentando aos grandes compradores e à imprensa internacional uma cadeia produtiva que investe cada vez mais em produtividade e sustentabilidade (ABIEC, 2012).

que visa deixar à mostra a qualidade da carne brasileira: criação do gado a pasto, segurança alimentar e sanidade.

Outro fato que pode ter influenciado no crescimento das exportações de carne bovina a partir de 2004 foi a criação do Sistema Brasileiro de Origem Bovina e Bubalina (SISBOV), no ano de 2002, que tinha por meta, até o ano de 2005, rastrear todos os bovinos e bubalinos de território nacional (Brandão, 2007). Em 2009, o Brasil apresentou um decréscimo nas exportações. Como justificativa, tem-se a crise *subprime* que afetou a economia de todo o mundo. Porém, em 2010, as exportações brasileiras voltaram a crescer, sendo que, em 2011, o país apresentou seu maior valor nas exportações, representando mais de US\$ 4 bilhões.

Segundo o MAPA (2014), a participação brasileira no comércio internacional vem crescendo, tendo como destaque a produção de carne bovina. A expectativa é de que a produção nacional suprirá 44,5% do mercado mundial, sendo que as estimativas indicam que o país pode manter a posição de primeiro exportador mundial.

Na década de 1990, a Argentina era o principal país exportador de carne bovina do Mercosul, porém, o país começou a perder espaço para o Brasil a partir de 1999. Dessa forma, a Argentina se tornou o segundo principal exportador, porém, com um valor bem inferior ao do Brasil. Em 2001, com a ocorrência de febre aftosa, o país perdeu significativa parcela no mercado mundial de carne. Como consequência, o Brasil, por apresentar garantia de sanidade do rebanho, acabou por conquistar a parte do mercado que a Argentina perdeu. Um desses mercados é o Chile, que era abastecido pela Argentina e agora importa o produto brasileiro (Machado e Amin, 2005).

Em relação ao Uruguai, nas décadas de 1990 e 2000, o país foi o terceiro principal exportador de carne bovina no Mercosul, porém, seus números são inferiores em relação ao Brasil e à Argentina. A partir dos últimos anos, o país vem apresentando maior crescimento, sendo que a produção de carne bovina no país tem sido voltada ao abastecimento dos mercados de exportação, que representam cerca de 65% da produção total.

## 4 Metodologia

### 4.1 Modelo *Constant-Market-Share*

Os trabalhos baseados em modelos *Constant-Market-Share* (CMS), conforme Coronel

(2008), tem como objetivo avaliar a participação de um país ou região no fluxo mundial ou regional de comércio e desagregar as tendências de crescimento das exportações e/ou importações de acordo com seus determinantes. Nesse sentido, o modelo CMS tem sido utilizado para análises da determinação dos fatores que contribuíram para o desempenho das exportações de um país ou bloco econômico em determinado período.

O pressuposto básico do modelo é que cada país ou bloco mantém constante sua parcela no comércio mundial. Se houver alteração nessa parcela, ela deve estar implícita no modelo, e sua *performance* é atribuída à competitividade, associada aos preços relativos (Leamer e Stern, 1970).

No entendimento de Leamer e Stern (1970), os fatores que colaboram para que as exportações de um país não acompanhem a média mundial são a concentração das exportações em mercadorias cuja demanda cresça mais lentamente que a média dos produtos; as exportações destinadas a regiões estagnadas; e a falta de condições de o país competir com os seus concorrentes no mercado internacional. Além disso, a relação de preços de dois países exportadores no comércio internacional também determina a escolha dos países importadores, o que pode ser escrito da seguinte forma:

$$\frac{q_1}{q_2} = f\left(\frac{p_1}{p_2}\right) \text{ com } f' < 0 \quad (1)$$

A equação (1) é oriunda da relação básica da elasticidade de substituição, em que  $q_1$  e  $q_2$  são as quantidades vendidas pelos exportadores 1 e 2 e  $p_1$  e  $p_2$ , seus respectivos preços. A equação (1) pode ser representada na forma de *market-share*, multiplicando-a por  $p_1/p_2$ .

$$\frac{p_1 q_1}{p_2 q_2} = \frac{p_1}{p_2} * f\left(\frac{p_1}{p_2}\right) \quad (2)$$

A equação (2) indica que o *market-share* do país permanece constante, caso não haja alterações nos preços relativos  $p_1/p_2$ , representando o princípio do modelo *Constant-Market-Share* para um determinado período de tempo. Contudo, se o país não mantiver sua parcela no mercado mundial, o termo poderá ser negativo, indicando que os preços estão subindo mais rapidamente para o país em relação aos seus concorrentes no mercado internacional.

Tanto Leamer e Stern (1970) quanto Richardson (1971), utilizando-se do instrumental matemático, decompôs as taxas de crescimento das exportações em quatro efeitos, a saber:

(a) crescimento do comércio internacional, (b) composição da pauta de exportações, (c) destino das exportações e (d) competitividade. A forma mais simples do CMS define que a parcela de mercado de um país depende de sua competitividade relativa. Isso pode ser mais bem observado na equação (3):

$$\frac{S}{Q} \equiv \frac{q}{C} = f(c), f(c) > 0 \quad (3)$$

em que  $S$  é a parcela de mercado do país em questão;  $q, Q$  quantidade total exportada pelo país A e pelo mundo, respectivamente;  $c, C$  = competitividade do país A e do mundo, respectivamente.

Rearranjando-se os termos e derivando-se em relação ao tempo, tem-se:

$$\dot{q} \equiv S\dot{Q} + Qf'\left(\frac{c}{C}\right) \quad (4)$$

De acordo com a identidade (4), a variação total da quantidade exportada do país A ( $\dot{q}$ ) é explicada pelo efeito crescimento das exportações mundiais ( $S\dot{Q}$ ) e pelo efeito competitividade ( $\dot{S}Q$ ). O primeiro representa o crescimen-

$$\dot{q} \equiv S\dot{Q} + \left[ \sum_i S_i \dot{Q}_i - S \dot{Q} \right] + \left[ \sum_i \sum_j S_{ij} \dot{Q}_{ij} - \sum_i S_i \dot{Q}_i \right] + \sum_i \sum_j Q_{ij} \dot{S}_{ij} \quad (7)$$

(a)                      (b)                      (c)                      (d)

A identidade em (7) mostra que o crescimento das exportações é decomposto no crescimento das exportações mundiais, favorável ou desfavorável, associados à estrutura das mercadorias ou mercados e às mudanças na competitividade relativa. Especificamente, o termo (a) indica o efeito crescimento do mercado, (b) o efeito mercadoria, (c) o efeito mercado e (d) o efeito competitividade. O efeito competitividade, quando associado apenas às alterações nos preços relativos, indica que os países ou regiões importadoras tendem a substituir o consumo de mercadorias que se tornam mais caras por aquelas cujos preços se tornam relativamente mais baixos.

Para representar matematicamente o modelo *Constant-Market-Share*, faz-se necessário

$$V_{i,t} - V_{i,t-1} \equiv r_i V_{i,t-1} + (V'_{i,t} - V_{i,t-1} - r_i V_{i,t-1}) \equiv (rV_{i,t-1}) + \sum_i (r_i - r) V_{i,t-1} + \sum_i (V'_{i,t} - V_{i,t-1} - r_i V_{i,t-1}) \quad (9)$$

(a)                      (b)                      (c)

Com base na equação (9), pode-se inferir que o crescimento das exportações do país A está relacionado com (a) o crescimento das exportações mundiais, (b) a pauta das expor-

to nas exportações, desde que seja mantida constante a parcela do mercado, e o segundo representa o crescimento adicional atribuído às mudanças na competitividade relativa.

A estrutura das exportações de um país pode estar afetando sua competitividade, ainda que não ocorram mudanças na competitividade relativa. O país pode estar concentrando suas exportações em mercadorias cuja demanda está crescendo mais rapidamente ou destinando-se às regiões de crescimento mais dinâmico.

Nesse sentido, a identidade (4) se tornaria:

$$S_{ij} \equiv \frac{q_{ij}}{Q_{ij}} = f_{ij}\left(\frac{c_{ij}}{C_{ij}}\right), f_{ij} > 0 \quad (5)$$

em que  $i$  = mercadoria comercializada pelo país A e  $j$  = mercado de destino.

Nesse sentido, o crescimento total das exportações passa a ser dado por

$$\dot{q} \equiv \sum_i \sum_j S_{ij} \dot{Q}_{ij} + \sum_i \sum_j Q_{ij} \dot{S}_{ij} \quad (6)$$

Conforme Richardson (1971), expandindo-se, tem-se que:

considerar como variável básica o valor das exportações. Primeiramente, parte das exportações não diferenciadas por mercadorias e regiões, de modo que se pode escrever a seguinte identidade para a  $i$ -ésima mercadoria:

$$V_{i,t} - V_{i,t-1} \equiv r_i V_{i,t-1} + (V'_{i,t} - V_{i,t-1} - r_i V_{i,t-1}) \quad (8)$$

em que  $V_{i,t}$  = valor das exportações da mercadoria ( $i$ ) do país ou região A no período  $t$ ;  $V'_{i,t}$  = valor das exportações da mercadoria ( $i$ ) do país ou região A no período  $t + 1$ ;  $r_i$  = mudança percentual nas exportações mundiais da mercadoria ( $i$ ) para o país ou região ( $j$ ) do período  $t$  para o período  $t + 1$ .

A expressão em (8) pode ser agrupada em:

tações do país ou região A no período (I) e o efeito residual oriundo da diferença entre a variação efetiva e a variação esperada nas exportações de cada grupo de bens.

Ademais, a desagregação do modelo *Constant-Market-Share* considera tanto a diferenciação por tipo de mercadoria comercializada quanto aquela por países ou regiões de destino ( $j$ ). Nesse sentido, ao considerar a diferenciação das exportações por destino e por tipo de mercadoria, chega-se à expressão:

$$V'_{ij} - V_{ij} \equiv r_{ij}V_{ij} + (V'_{ij} - V_{ij} - r_{ij} - V_{ij}) \quad (10)$$

$$V'_{..} - V_{..} = \sum_i \sum_j r_{ij}V_{ij} + \sum_i \sum_j (V'_{ij} - V_{ij} - r_{ij} - V_{ij}) \equiv rV_{..} + \sum_i (r_i - r) V_i + \sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i) V_{ij} + \sum_i \sum_j (V'_{ij} - V_{ij} - r_{ij} - V_{ij}) \quad (11)$$

(a)                      (b)                      (c)                      (d)

Essa identidade permite decompor a taxa de crescimento das exportações do país A em quatro efeitos, a saber: o efeito (a) é o crescimento do comércio mundial, ocorre se as exportações do país A tiverem crescido à mesma taxa do comércio mundial; o efeito (b) composição da pauta indica que, se as exportações mundiais do produto ( $i$ ) aumentarem mais que a média mundial para todas as mercadorias exportadas,  $(r_i - r)$  é positivo. O resultado tornará forte esse efeito se  $V_i$  for relativamente grande, ou seja, o efeito composição da pauta será positivo se as exportações do país A estiverem concentradas no produto de maior expansão, ou quando a taxa de crescimento for superior à média mundial.

O efeito (c) é destino das exportações, e será positivo se o país A tiver concentrado suas exportações em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado, e negativo se concentrado em regiões mais estagnadas; e o efeito (d) competitividade significa que uma economia é competitiva na produção de determinada *commodity* quando consegue pelo menos igualar-se aos padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem.

A diferença entre o crescimento das exportações verificado pelo modelo CMS e o crescimento efetivo das exportações é atribuída ao efeito competitividade. A medida deste efeito está relacionada com mudanças nos preços relativos  $p_1/p_2$ . Nesse sentido, quando um país deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o termo competitividade torna-se negativo e indica o fracasso do país em manter sua parcela no mercado mundial, bem como também que os preços estão aumentando para o país em questão em pro-

sendo  $V_{ij}$  = valor das exportações da mercadoria ( $i$ ) do país ou região A para o país ou região ( $j$ ) no período (I);  $V'_{ij}$  = valor das exportações da mercadoria ( $i$ ) do país ou região A para o país ou região ( $j$ ) no período (II);  $r_{ij}$  = mudança percentual nas exportações mundiais da mercadoria ( $i$ ) para o país ou região ( $j$ ) do período (I) para o período (II).

Rearranjando os termos, tem-se a identidade em (11):

porção maior do que a de seus competidores, ou seja, os importadores tendem a substituir o consumo das *commodities* cujos preços se elevaram pelo consumo daqueles com preços menores em termos relativos.

Conforme Leamer e Stern (1970), o efeito competitividade, além dos preços relativos, recebe influência de outros fatores, tais como mudanças tecnológicas, medidas de incentivo, maiores ações de *marketing*, aprimoramento dos mecanismos de financiamento e crédito e habilidade para atender com prontidão as encomendas dos importadores.

## 4.2 Dados e fontes

Foram utilizados os dados das exportações do Brasil, da Argentina e do Uruguai obtidos por meio dos dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICEWEB, Mercosul, 2014) e do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX, s.d.), em dólares *Free on Board* (FOB). Em relação às exportações e importações de carne bovina da Argentina, do Uruguai e do mundo, foram utilizados os dados da *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAOSTAT), em dólares, entre 1991 e 2011.

Para tanto, dividiu-se os anos de análise em três subperíodos, cada um representando a média de sete anos, tendo como justificativa os fatos relevantes do contexto econômico, sendo eles: (a) primeiro período – 1991 a 1997: representa a fase da criação do Mercosul e os primeiros anos da abertura comercial; (b) segundo período – 1998 a 2004: representa o período em que inicia o crescimento das exportações de carne bovina dos países do Mer-

cosul e a crise da febre aftosa na Argentina, e; (c) terceiro período – 2005 a 2011: representa o período em que houve mudanças na economia dos países, sobremaneira no Brasil, tanto políticas quanto econômicas, como também a crise econômica mundial. Em relação à carne bovina, são os anos com maior crescimento das exportações.

## 5 Resultados e discussões

Dado o principal objetivo deste trabalho – examinar os determinantes das exportações da carne bovina da Argentina, Brasil e Uruguai –, a aplicação do modelo *Constant-Market-Share* em relação às exportações de carne bovina *in natura* dos três principais países do Mercosul permitiu fazer a análise da decomposição e da contribuição dos efeitos relacionados ao crescimento do comércio mundial nos três períodos considerados, ou seja, o período II em relação ao período I e o período III em relação ao período II.

Por meio da análise do panorama do agromercado nos países do Mercosul, foi observado que a produção de carne bovina apresentou crescimento no Brasil a partir da década de 1990, tendo ultrapassado a Argentina, em valores exportados, no início da década de 2000. Além disto, foi verificado que, em relação ao Mercosul, o Uruguai mantém-se ocupando o terceiro lugar no *ranking* dos maiores exportadores da *commodity*.

Em parte, os dados demonstrados na Figura 2 (ver seção 3) são corroborados pelos resultados encontrados neste texto. De acordo com a Tabela 1, a Argentina, no primeiro

período (1991-1997) representava 5,30% das exportações mundiais de carne bovina *in natura*, enquanto isso, a participação do Brasil e do Uruguai ficava em torno de 1,10% e 2,12%, respectivamente. Porém, no período seguinte, a Argentina perdeu 1,16 pontos percentuais na participação das exportações mundiais, enquanto o Brasil apresentou um crescimento, passando para 7,58%, alcançando a média de US\$ 5,8 bilhões nas exportações da carne bovina exportada. Já no Uruguai, o aumento foi de 0,73 pontos percentuais.

Sabe-se que o aumento nos dois países (no período II em relação ao período I) deu-se, principalmente, pela perda de mercado da Argentina, que sofreu com a febre aftosa no começo da década de 2000. Especificamente, no Brasil, em 1999, houve mudança no regime cambial, acompanhado da desvalorização da moeda, o que também pode ter estimulado o aumento das exportações do país.

De acordo com Lima de Paula e Favaret Filho (2001), na primeira metade da década de 1990, o Brasil obteve taxas de crescimento positivas e conseguiu manter desempenho semelhante no restante da década, embora em ritmo menor. Assim, o país conquistou novos mercados, aproveitando-se do espaço deixado pela crise europeia, provocada pela incidência de *encefalopatia espongiforme bovina* (“doença da vaca louca”) no rebanho bovino inglês, bem como pela diminuição da presença argentina no mercado internacional, devido à propagação de febre aftosa.

Com base na Tabela 1, observa-se que o *market-share* do Período III (2005-2011) em relação ao Período II (1994-1998) aumentou sig-

**Tabela 1.** Valor médio das exportações mundiais, argentinas, brasileiras e uruguaias de carne bovina, em US\$, e participação da Argentina, do Brasil e do Uruguai nas exportações mundiais (1991-2011).

**Table 1.** Average value of world exports from Argentinian, Brazilian and Uruguayan beef, in US\$, and participation of Argentina, Brazil and Uruguay in world exports (1991-2011).

	P I 1991 a 1997	P II 1998 a 2004	P III 2005 a 2011
Exportações Mundiais	60.973.617.000	77.295.814.000	151.128.781.000
Exportações Argentina	3.229.703.000	3.201.077.000	8.495.600.000
<i>Market-Share</i> Argentina (%)	5.30	4.14	5.62
Exportações Brasil	672.789.761	5.856.487.864	24.098.502.760
<i>Market-Share</i> Brasil (%)	1.10	7.58	15.95
Exportações Uruguai	1.294.361.000	2.204.888.000	5.126.547.281
<i>Market-Share</i> Uruguai (%)	2.12	2.85	3.39

Fonte: Elaborado pelos autores com os resultados da pesquisa.

nificativamente para os três países analisados. Entretanto, dentre esses países, novamente o Brasil destaca-se pelo aumento de sua participação no mercado internacional, praticamente duplicando seu *market-share*. Além desse expressivo crescimento, a perspectiva continua positiva, dado que o MAPA (2014) estima que, em 2018/2019, as exportações brasileiras de carne bovina representarão cerca de 60% do comércio internacional. Isso seria acompanhado do aumento no número do rebanho bovino, além das cerca de 200 milhões de cabeças atuais, montante que coloca o Brasil na segunda posição global.

### 5.1 Decomposição das fontes de crescimento das exportações da carne bovina

#### (a) Período II em relação ao período I

Quando analisada a decomposição das fontes de crescimento da carne bovina *in natura*, do período II (1998-2004) em relação ao período I (1991-1997), conforme Tabela 2, é possível verificar que os efeitos do crescimento do comércio mundial e a competitividade foram positivos; porém, o efeito do destino das exportações foi negativo. Dessa forma, os resultados indicam que os países em análise apresentaram posição competitiva no mercado internacional da *commodity*.

Por meio desses resultados, pode-se inferir que o efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade acabam por serem os fatores explicativos para o aumento das exportações dos países do Mercosul nos anos finais da década de 1990 e início da década seguinte. Quanto ao efeito do crescimento do comércio mundial, este pode ser justificado pelo aumento da produção da carne bovina brasileira nos anos referentes aos períodos I e II. De acordo com Machado e Amin (2005), esse crescimento pode ser explicado por fatores como investimento em tecnologias da genética, gerenciamento, manejo e nutrição.

Outra justificativa consiste no aumento significativo das exportações do Brasil e do Uruguai a partir de 2008 (período II). No caso das exportações brasileiras, nas décadas de 1990 e 2000, que compreende os períodos I e II, ocorreu crescimento acentuado, tanto em valor quanto em volume. Segundo Silva *et al.* (2011), esse crescimento relacionou-se com as mudanças na bovinocultura brasileira, as quais foram

**Tabela 2.** Fonte de crescimento das exportações de carne bovina (período II-I).

**Table 2.** Source of growth in beef exports (period II-I).

	Período II-I
<b>Crescimento do comércio mundial</b>	3,42
<b>Destino das exportações</b>	-0,13
<b>Competitividade</b>	96,58

Fonte: Elaborado pelos autores com os resultados da pesquisa.

desenvolvidas com base em ações governamentais e na adoção do programa de erradicação da febre aftosa pelo Brasil em 1992, tendo resultados nos anos posteriores.

Em relação à Argentina, no período II, ocorreu decréscimo nas exportações de carne bovina, sendo que, em relação às exportações do Brasil para a Argentina, ocorreu aumento significativo em relação ao período I. Já o Uruguai, ao passar dos anos, apresentou aumento nas exportações, porém, tal crescimento se tornou significativo somente a partir do período III.

De acordo com Silva *et al.* (2011), nos últimos anos, o crescimento do comércio internacional da carne bovina tem sido expressivo, tendo o Brasil como um dos principais *players*. Ademais, os autores reiteram que a abertura de mercados, a redução de tarifas alfandegárias, o aumento da eficiência na produção das fazendas e a elevação da renda mundial tiveram importantes contribuições no aumento de volume da carne bovina comercializada no mundo nos últimos anos. Com isso, a pecuária bovina brasileira tem se modernizado, tornando-se mais competitiva. Na contramão desse movimento, as barreiras tarifárias e não tarifárias impostas por alguns blocos econômicos vêm prejudicando a competitividade brasileira, limitando a participação do país no mercado global da *commodity*.

Já o efeito competitividade contribuiu com 96,58% da explicação do comportamento das exportações de carne bovina *in natura* do Mercosul, confirmando que o bloco é competitivo na produção da *commodity*. Por sua vez, o efeito destino das exportações refletiu negativamente nas exportações de carne bovina, o que, segundo Fries *et al.* (2013) significa que as taxas de importação dos principais mercados importadores do Mercosul cresceram a taxas menores que as importações mundiais.

*(b) Período III em relação ao período II*

No terceiro período, os três países apresentaram aumento na participação das exportações mundiais (ver Tabela 1). Porém, o Brasil foi o que apresentou o maior crescimento, atingindo participação de 15,95%. Dessa forma, o país apresentou elevação de US\$ 18,2 bilhões em suas exportações de carne bovina *in natura*, comportamento observado também com relação à Argentina e ao Uruguai, porém, em ritmo menor. Cabe frisar que, quando somados, os três países membros do Mercosul representaram cerca de um quarto das exportações mundiais de carne bovina *in natura* no terceiro período, compreendendo uma participação média cerca de 70% maior do que a do período anterior.

Já na análise da decomposição das fontes de crescimento da carne bovina no período III em relação ao período II (ver Tabela 3), tem-se novamente que os efeitos do crescimento do comércio mundial e da competitividade foram positivos, enquanto que o efeito do destino das exportações foi negativo. Porém, comparativamente ao do período II em relação ao I, o efeito crescimento do comércio mundial é superior, o que significa que ocorreu um aumento na participação do Brasil no total mundial comercializado, sendo esse o principal fator explicativo das exportações brasileiras de carne, com 28,85%.

O efeito destino das exportações continuou negativo, porém, reduziu-se para -0,47, chegando a taxa menor que o período anterior (-0,13). Isso é em função de as taxas de importação dos principais mercados importadores terem crescido a taxas menores que as importações mundiais, indicativo de que o Mercosul concentrou suas vendas em mercados menos dinâmicos.

No entanto, quando analisado o efeito competitividade, tem-se uma contribuição de 71,15% para explicar o comportamento das exportações de carne bovina no Mercosul – dessa forma, ocorreu queda no efeito em relação ao período anterior, que era de 96,58%. A partir do período III, a Argentina apresentou um significativo aumento em relação às suas exportações, sendo que os sinais de recuperação das exportações da *commodity* começaram em 2004, quando o país praticamente duplicou suas exportações, voltando a comercializar carne bovina *in natura* com os parceiros tradicionais.

No período III, o Brasil, a Argentina e o Uruguai apresentaram significativo aumento em suas exportações em relação ao período

**Tabela 3.** Fonte de crescimento das exportações de carne bovina (períodos III-II).

**Table 3.** Source of growth of beef exports (periods III-II).

	Períodos III-II
<b>Crescimento do comércio mundial</b>	28,85
<b>Destino das exportações</b>	-0,47
<b>Competitividade</b>	71,15

Fonte: Elaborado pelos autores com os resultados da pesquisa.

do anterior, chegando a 411,48%, 265,40% e 232,51%, respectivamente. Em resposta ao aumento das exportações dos três países, tem-se que as importações da Argentina e do Brasil diminuíram significativamente, diferentemente do Uruguai, que apresentou aumento em suas exportações, mas que, no entanto, ainda é dependente das importações brasileiras.

O aumento significativo em relação ao crescimento do comércio mundial, no período III em relação ao período II, deu-se pela relevância do Mercosul na cadeia de carnes em relação às exportações totais desse produto. Em suma, os resultados apresentados indicam que Argentina, Brasil e Uruguai, juntos, apresentam grande participação do comércio internacional como exportadores de carne bovina *in natura* (5,62%, 15,95% e 3,39%, respectivamente, para o período III) e, tanto no período II em relação ao período I, como no período III em relação ao período II, apresentaram como principal fonte de crescimento o fator competitividade.

Especificamente, no que se refere ao Brasil, o país tem obtido competitividade mesmo sofrendo restrições comerciais às exportações de carne bovina. Porém, conforme ressalva Silva *et al.* (2011), o Brasil ainda não disporia de um sistema de rastreabilidade e de certificação confiável, o que dificulta a ampliação ou a abertura de mercados.

Dessa forma, verifica-se que é necessário prosseguir com as discussões e os acordos junto à Organização Mundial do Comércio, com vistas à redução das barreiras comerciais, bem como à promoção de maior eficiência na cadeia produtiva da carne bovina, com o intuito de aumentar a competitividade brasileira, como também a do Mercosul no exterior, já que os países não podem contar exclusivamente com o crescimento do comércio internacional ou dos preços das *commodities* para alcançar bom desempenho em suas vendas externas.

## 6 Conclusões

A carne bovina *in natura* tem se tornado um dos principais produtos de exportação dos países do Mercosul (Argentina, Brasil e Uruguai), ao passo que a participação nas exportações mundiais já atinge cerca de um quarto do total. Dada essa importância, este artigo objetivou analisar os determinantes das exportações dessa *commodity* ao longo das duas últimas décadas (1991 a 2011). Para atingir esse objetivo, fez-se uso do modelo *Constant-Market-Share*, sendo utilizado para análise da determinação dos fatores que contribuíram para o desempenho das exportações dos países estudados.

Na análise da participação da Argentina, Brasil e Uruguai, encontrou-se que a Argentina apresentava maior participação nas exportações mundiais no início da década de 1990, enquanto a representatividade do Brasil e do Uruguai era inferior. A partir de 1998, decorrente de problema de sanidade animal, a Argentina perdeu espaço para o Brasil, que passou a suprir parte do mercado atendido pela carne argentina. No período mais recente, os três países apresentaram aumento na participação das exportações mundiais, porém, a participação do Brasil aproximou-se dos 16% das exportações mundiais, enquanto que a Argentina e o Uruguai apresentaram crescimento das exportações, porém, em ritmo menor.

Os resultados da decomposição das fontes de crescimento da carne bovina *in natura*, do período II em relação ao período I, permitiu inferir que os efeitos do crescimento do comércio mundial e a competitividade foram positivos, enquanto que o efeito do destino das exportações foi negativo. Logo, tem-se que o bloco manteve posição competitiva no mercado internacional da *commodity*, com os efeitos crescimento do comércio mundial e competitividade sendo os fatores explicativos do aumento das exportações dos países do Mercosul nos anos finais da década de 1990 e início da década seguinte.

A partir da análise da decomposição das fontes de crescimento do período III em relação ao período II encontraram-se novamente os efeitos do crescimento do comércio mundial e da competitividade positivos, enquanto que o efeito do destino das exportações foi negativo. Particularmente, verificou-se expressivo aumento do comércio mundial, comparativamente superior ao período anterior, decorrente de um aumento na participação do Brasil no total mundial comercializado, enquanto que o

efeito destino das exportações reduziu-se, indicativo de que o Brasil concentrou suas vendas em mercados menos dinâmicos.

Por fim, salienta-se que o texto compreendeu os três principais países do Mercosul, haja vista que Paraguai, país-membro, não foi incluído, por apresentar reduzida participação nas exportações e no comércio internacional de carne bovina; da mesma forma a Venezuela, pois ingressou no bloco em 2012, período posterior ao do estudo. Pela importância das exportações da carne bovina *in natura* no Mercosul, e principalmente no Brasil, tem-se como sugestão para trabalhos futuros desenvolver estudo sobre a competitividade dos países-membros em relação aos principais países produtores e exportadores mundiais de *commodity*, assim como também discutir a inserção em mercados ainda não acessíveis, o que permitiria a continuidade do crescimento do setor.

## Referências

- ABREU, A. de; HERRA, V.E.; TEIXEIRA, M.A. 2006. Mercado mundial de carne bovina: participação brasileira e barreiras à exportação. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, XLIV, Fortaleza, 2006. *Anais...* SOBER, XLIV:1-19.
- ADAMS, R. 1990. Agricultura e agroindústria no Cone Sul. In: SEITENFUS, V.M.P.; BONI, L.A. de (coords.), *Temas de integração Latino Americana*. Petrópolis, Vozes, p. 18-27.
- ALICEWEB/MERCOSUL. 2014. Disponível em: <http://www.alicewebmercosul.mdic.gov.br/>. Acesso em: 30/03/2014.
- ALMEIDA, P.R. 1993. *O Mercosul no contexto regional e internacional*. São Paulo, Aduaneiras, 204 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNE (ABIEC). 2012. Posicionamento e imagem setorial no exterior. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/imagens/case-apex-141112.pdf>. Acesso em: 04/04/2014.
- BRANDÃO, F.T. 2007. Exportação da carne bovina nacional: os desafios que o setor enfrentará nos próximos anos frente às novas exigências do mercado internacional. *Revista de Ciências Empresariais*, 4(2):7-14.
- CARVALHO, M.A. de; SILVA, C.R.L. da. 2004. *Economia internacional*. 3ª ed., São Paulo, Saraiva, 300 p.
- CORONEL, D.A. 2008. *Fontes de crescimento e orientação regional das exportações brasileiras do complexo soja*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 113 p.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAOSTAT). 2014. Banco de Dados Agregados. Disponível em: <http://faostat.fao.org>. Acesso em: 15/01/2014.

- FRIES, C.D.; CORONEL, D.A.; VIERIA, K.M.; BENDER FILHO, R. 2013. Avaliação do crescimento das exportações do agronegócio gaúcho: uma aplicação do método Constant-market-share. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, **17**(17):3388- 3400.
- GONÇALVES, R. 1999. *Globalização e desnacionalização*. São Paulo, Paz e Terra, 237 p.
- HELPMAN, E. 1981. International Trade in the Presence of Product Differentiation, Economies of Scale, and Monopolistic Competition: A Chamberlin-Heckscher-Ohlin Approach. *Journal of International Economics*, **11**:305-340.  
[http://dx.doi.org/10.1016/0022-1996\(81\)90001-5](http://dx.doi.org/10.1016/0022-1996(81)90001-5)
- KRUGMAN, P. 1979. Increasing Returns, Monopolistic Competition, and International Trade. *Journal of International Economics*, **9**(4):469-479.  
[http://dx.doi.org/10.1016/0022-1996\(79\)90017-5](http://dx.doi.org/10.1016/0022-1996(79)90017-5)
- KRUGMAN, P. 1980. Scale Economies, Product Differentiation and the Pattern of Trade. *American Economic Review*, **70**:950-959.
- KRUGMAN, P.R.; OBSTFELD, M. 2005. *Economia internacional: teoria e política*. São Paulo, Pearson Addison Wesley, 554 p.
- LEAMER, E.E.; STERN, R.M. 1970. *Quantitative international economics*. Chicago, Allyn and Bacon, 209 p.
- LIMA DE PAULA, S.R.; FAVERET FILHO, P. 2001. Exportações de carne bovina: desempenho e perspectivas. *Revista BNDES Setorial*, **14**:27-46.
- LÍRIO, V.S.; CAMPOS, A.C. 2003. *Do Mercosul à ALCA: impactos sobre as cadeias do agronegócio brasileiro*. Viçosa, UFV, 203 p.
- MACHADO, L.V.N; AMIN, M.M. 2005. Análise da posição competitiva do Brasil no mercado internacional de carne bovina: uma aplicação do método Constant-Market-Share (CMS). In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 43, Ribeirão Preto, 2005. *Anais...* Ribeirão Preto, SOBER, **43**:1-18.
- MERCADO COMUM DO SUL (MERCOSUL). 2014. Disponível em: <http://www.mercosul.gov.br>. Acesso em: 08/02/2014.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). 2014. Banco de Dados. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 10/02/2014.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC/SECEX). [s.d.]. Banco de Dados. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br>. Acesso em: 30/03/2014.
- OLIVEIRA, I.T.M. 2007. Livre Comércio versus Protecionismo: uma análise das principais teorias do comércio internacional. *Revista Urutágua*, **11**:1-18.
- OLIVEIRA, S.V. de; FREITAS, C.A. de. 2005. As exportações de carne bovina dos países do Mercosul no período de 1986 a 2004: Uma análise de Constant-Market-Share. *Revista Economia e Desenvolvimento*, **17**:1-25.
- RICHARDSON, J.D. 1971. Constant-Market-Shares analysis of export growth. *Journal of International Economics*, **1**(2):227-239.  
[http://dx.doi.org/10.1016/0022-1996\(71\)90058-4](http://dx.doi.org/10.1016/0022-1996(71)90058-4)
- SARQUIS, S.J.B. 2011. *Comércio internacional e crescimento econômico no Brasil / Sarquis José Buainain Sarquis*. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 245 p.
- SILVA, S.Z. da; TRICHES, D.; MALAFAIA, G. 2011. Análise das barreiras não tarifárias à exportação na cadeia da carne bovina brasileira. *Revista de Política Agrícola*, **20**(2):23-39.
- SOUZA, L.G.A. de; CAMARA, M.R.G. da; SEREIA, V.J. 2008. As exportações e a competitividade da carne bovina brasileira e paraense no período 1990-2005. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, **114**:153-178.
- THOMÉ, K.M; SOARES, A.B.P; CARVALHO, T.M. 2013. Estrutura de mercado internacional de carne bovina: análise de 2002 a 2011. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 51, Belém, 2013. *Anais...* Belém, SOBER, **51**:1-18.
- UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE (USDA). 2014. Banco de Dados. Disponível em: <http://apps.fas.usda.gov/psdonline/psdQuery.aspx>. Acesso em: 11/02/2014.

Submetido: 22/07/2014

Aceito: 30/12/2014